

con la nitida coscienza di quanto sia ridicolo anche il proprio soffrire.” (p. 16) De um pudor avesso a coloridos, arrebiques e folclores, teimando “com mansidão”, tira o artista “memória augusta e salutar” do “campo ferido” nordestino (p. 18), como se propôs no limiar de já longo itinerário. A escrita sobre a natureza, que alguns designam por ecocrítica, encontra terreno fértil neste universo, entretanto debruçado sobre o Rio Douro.

A tradução ritma versos coloquiais, quase à letra, mimando encavalgamentos, com raras adaptações sintáticas e vocabulares, sempre felizes. A dificuldade está na estrofação breve: “Nada vereis aqui / quase: animais / de malícia pouca / contentes do seu corpo. // Quasi nulla vedrete / qui: qualche animale / di malizia poca / contento del suo corpo.” (pp. 42-43) Ou aquela redondilha maior de “São Miguel da Pena”, aldeia vazia que o autor civil apresentou, em manhã de Janeiro, ao tradutor: “Viveu gente em São Miguel, / que depois aqui morreu / e se fez sepultar nesta / encruzilhada de ventos. // Visse gente a São Miguel / che poi qui morì / e si fece seppellire / in questo incrocio di venti.” (pp. 52-53) Nada se perde, mas algo se transforma.

Em Europa e Itália de regiões, Giorgio de Marchis revela aos seus um poeta da Terra, menos líquido que sólido, de emoção sustida, que reconhecemos universal. ERNESTO RODRIGUES

Paola D’Agostino, *Este frio e outras histórias de amor*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fenda, 2011, pp. 91.

Com *Este frio e outras histórias de amor*, Paola D’Agostino chega pela segunda vez às bancas das livrarias portuguesas pela mão da editora Fenda e com tradução de Miguel Serras Pereira. O seu nome é bem conhecido do público português que se interessa por ficção narrativa, desde que em 2006 saíu a edição portuguesa de *Largo das Necessidades*. O original italiano fora publicado nesse mesmo ano em Nápoles.

Italiana nascida em Sapri, uma pequeníssima localidade do Sul da Itália, Paola D’Agostino chegou a Portugal em 2000 para ensinar italiano. Desde então, tem-se vindo a dedicar também ao ensaísmo, à tradução e à ficção narrativa.

O livro divide-se em seis partes, a mais longa das quais é a segunda, “Este frio”, que se subdivide

em três capítulos, os quais, como os títulos indicam, exploram esse mesmo campo, “1. Hipotermia”, “2. Frente fria”, “3. Este frio”. Ao longo das suas páginas, vão sendo contadas histórias de amor, mas de um amor muito especial, um amor que é frio, ou porque o ambiente que o envolve carece de calor, ou porque as personagens que o experimentam são frias, ou então porque assim o querem ou o devem ser.

Mas *Este frio e outras histórias de amor* não é um simples somatório de várias narrativas breves. Subtilmente, entre uma história e a outra, vão-se desprendendo reenvios que sugerem ligações a outras das narrativas que o compõem, num vai-vem de personagens, de enquadramentos e de estados de espírito. Apesar de as seis partes do livro terem entrecchos diferentes, cria-se a ilusão de que o leitor está a ler várias histórias ao mesmo tempo, como se estivessem a entrar e a sair umas das outras. Uma sigla, G., que se parece metamorfosear na personagem de Gilda, que depois vai aparecer; uma criança, que esconde um cão e assim evita o pior, e parece reencarnar na ânsia de um amor. Assim sendo, levanta-se a questão da classificação destas narrativas, entre conto, novela e

romance. Do conto, têm a dimensão breve. Da novela, o carácter problematizante e inconcluso. Do romance, o fio de uma trama que faz delas mais do que um somatório de partes. Trata-se, na verdade, de um conjunto de micro-textos autónomos organizados num macro-texto que é pensado e articulado como arte do todo.

Se a autora é uma escritora de fronteira entre Portugal e a Itália, as histórias que conta são, também elas, situações transitórias de quem vive na inquietude de estar entre duas margens e entre dois tempos ou, utilizando um conceito bem caro à cultura portuguesa, em desassossego. Os amantes de Paola D’Agostino habitam as nuvens, passam os dias em frente de um ecrã de computador. A sua condição é a da perda, como o simboliza o protagonista de “Este frio”, que é portador de uma prótese. Apesar disso, o calor e o desejo de calor não se apagam totalmente. Estão vivos na memória das personagens, no sentimento de uma ausência que é um vazio a colmatar, numa procura mais ou menos tímida, numa camuflagem que se encobre com a curiosidade acerca do amor dos outros, num medo de perder o amor e na aceitação resignada

de todas as humilhações. Nesse sentido, *Este frio e outras histórias de amor* leva a cabo uma perscrutação dos meandros do amor que escava até ao que nele há de hipotermico, entre um desejo que tenta preencher uma ausência e aquele medo que, paradoxalmente, trava uma necessidade vital. A lista de medos, cuidadosamente ordenada por ordem alfabética, que na letra A vai da ablutofobia e da acarofobia até à atelofobia (pp. 35-36), mostra como os medos são tantos e podem ser descritos com precisão enciclopédica. O frio é a outra face do medo do amor.

Uma tensão constante opõe um amor que não se dá para preservar um eu que tem frio, assumindo-se como negação, e um amor que não pode dar calor, porque não pode ser recebido. É que as contradições íntimas que minam um mundo interior de pulsões, conflitos e dúvidas refreadas não obedecem às regras da lógica. Paralelamente, o livro vive na tensão do estilo que caracteriza a sua escrita. O vocabulário pretende ser neutro e o fraseado evita tiradas efusivas, instaurando uma distância em relação às coisas e aos afectos. Contudo, os efeitos que daí resultam logo são aplacados pela música das palavras,

por cadências de uma melodia que desvenda, sob a pena do tradutor, um ouvido habituado à musicalidade do italiano. Quando a voz que conta a história fala no masculino, por ser um homem, o estilo é imediato, instaurando uma relação directa com as coisas. Quando é a de uma mulher, anda em círculos e retoma os assuntos para os considerar sob outro ponto de vista.

A esse propósito, o conjunto de narrativas que formam *Este frio e outras histórias de amor* revela bem a mão feminina que o escreve. Os enlaces e as malhas que o envolvem são os mesmos que, como anteriormente ficou dito, ligam os vários componentes e os vários estratos deste macro-texto.

Se as mais antigas imagens recolhidas pelos poetas apresentam amor como uma rede de contradições, pelo menos desde Safo quando diz que o amor é doce e amargo, também neste caso a exploração das suas facetas antinómicas, conforme é levada a cabo por Paola D'Agostino, termina com o enunciado de uma asserção paradoxal, “Esta apneia de que morreremos quando morremos de amor”, a morte de amor, a morte em virtude de um excesso que é falta, que é a última frase do livro.

Nos tempos que correm, o reiterado tratamento do tema do amor através de várias formas de manifestação artística e dos *mass media* cria, não raro, uma saturação que facilmente pode resvalar

para a banalização. Nesse quadro, Paola D'Agostino destaca-se pela forma como conta o amor, perseguindo e criando novas formas de o dizer, no seu modo melancolicamente frio. RITA MARNOTO